

# Relações de gênero: efeitos de sentido no discurso da imprensa

VERA LÚCIA PIRES\*  
UFSM - PUCRS

Marcada por movimentos sociais reivindicatórios, a década de sessenta promoveu modificações em todas as áreas do pensamento, constituindo-se em campo fértil de estudos, que ultrapassará a barreira do século XX.

As teorias do discurso, inseridas no estruturalismo lingüístico dos anos 60, enfocam a situação pragmática que envolve o ato de linguagem, incluindo aí o indivíduo produtor, seu contexto de produção, suas intenções e o caráter ideológico do signo lingüístico. Assumia-se a linguagem, a partir de então, como prática social, vinculada ao homem e, principalmente, determinada historicamente.

O crescimento do movimento de liberação das mulheres na Europa e na América, integrando os movimentos de reivindicação, em sua luta contínua pela igualdade entre os sexos, coincidindo com a entrada da mão de obra feminina na economia pós-industrial, começou a modificar o panorama ocidental das relações sociais de gênero.

Neste contexto, o presente artigo abordará o discurso produzido sobre as mulheres, baseando-se em anúncios publicitários e notícias, veiculados na imprensa local. Estes textos, tanto os dirigidos, especificamente, ao público feminino, quanto os dirigidos ao masculino, contêm uma representação da mulher que manifesta, com clareza, a questão do gênero, em que as diferenças entre os sexos são organizadas ideologicamente, inscrevendo-se em determinados padrões e paradigmas.

\* Doutoranda em Letras - PUCRS.

Conforme dados da ONU, neste final de século, a força produtiva feminina, formal e informal, já alcançou 64% em todo o mundo. Apesar de serem maioria no mercado econômico, as mulheres são discriminadas tanto em relação à remuneração quanto em relação aos cargos que ocupam.

A contradição, entre a posição alcançada pela mulher na sociedade contemporânea e a representação que dela se faz, está presente em quase todas as áreas sociais, como um reflexo das relações de gênero. Tais relações, como frisa Butler (1990), são constituídas socialmente, entre sujeitos, em contextos específicos e são determinadas cultural e historicamente.

Podemos atestar tal contradição, ao lançarmos o olhar sobre o discurso jornalístico. Os artigos em geral, bem como as propagandas, veiculam um discurso de gênero que, diferenciando, ideologicamente, os sexos, discrimina a mulher, excluindo sua presença ao nível público, ao mesmo tempo que a relega à esfera privada do lar.

A ausência de mulheres, protagonizando o noticiário político e econômico, é gritante. Por outro lado, quando lhes é dado espaço nessas seções, aparece, com força, um discurso de gênero que fala somente de questões femininas específicas, relacionadas à vida doméstica.

Tanto o silêncio físico, a ausência de textos sobre a mulher, quanto o que chamamos discurso de gênero, que também é uma forma de silenciamento, pois ao dizer determinadas coisas, emudece outras, são registros da contradição entre certas práticas discursivas e a posição participativa da mulher na sociedade atual.

A mulher é silenciada na imprensa escrita, excetuando-se as revistas femininas e os encartes específicos dos jornais, dedicados à sua condição feminina. O sentido desse silêncio remete às características de passividade e submissão, atribuídas às mulheres em nossa cultura. Mesmo em reportagens que as enfocam, no âmbito profissional e político, são sempre feitas referências, vinculando-as a seu papel doméstico de esposas e mães.

As marcas desse silêncio estão presentes em todos os campos da produção do conhecimento, por um motivo histórico: quem produziu idéias e fez a cultura foram os homens. Quem detém o poder é "dono da voz".

A mulher não assumia sua condição de também produtora da racionalidade, por estar presa, segundo Beauvoir (1980), ao determinismo de sua condição biológica, ou seja, reproduzir. Tornou-se, então, "natural" a posição social de mulheres e homens,

justificada através de atributos dicotomizados como emoção e razão, fragilidade e força, entre outros.

A partir da delimitação de dois espaços, público e privado, as diferenças biológicas entre os sexos foram tomadas para explicar e manter diferenças sociais e profissionais. Como assinala Coutinho (1994),

"O espaço privado tornou-se, na verdade, o lugar onde, através do matrimônio e da família, são geradas as condições para as formas desiguais de apropriação do capital cultural, de acesso aos meios de qualificação profissional e aos centros de poder e controle social, entre outras coisas. Esta desigualdade acarretou o sentido de inferioridade da mulher e produziu [...] a passividade feminina, que não parece ser um traço da 'natureza feminina', mas, ao contrário, resultado de um longo processo histórico-social." (Coutinho, 1994, p. 43)

### Linguagem e gênero

A linguagem é uma forma de ação e de integração entre os indivíduos em seu meio social. Uma pessoa pode agir sobre outra, através da ação lingüística, tentando mudar seu pensamento e suas atitudes. Inserida no contexto sócio-histórico do indivíduo, a linguagem é um lugar de confronto ideológico, que se estabelece por essa propriedade que um discurso pode ter de exercer influência sobre o destinatário.<sup>1</sup>

A natureza social da linguagem torna-a um objeto ideológico. "A palavra é o fenômeno ideológico por excelência." (Bakhtin, 1986, p. 36). Expressando nossa visão de mundo, nosso discurso manifesta as contradições e os confrontos de interesses sociais. A palavra é um lugar de disputa de valores, um palco de conflitos e de origem de diferentes formações discursivas.

"Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida." (Bakhtin, 1986, p. 95)

<sup>1</sup> BARTHES (1978) enfatizou esta relação linguagem-poder, afirmando: "o poder é o parasita de um organismo trans-social, ligado à história inteira do homem [...]: a linguagem."

Assim, todo indivíduo constrói seu discurso, inscrito em uma formação discursiva determinada, da qual obtém seu significado. Uma seqüência verbal pode ter, portanto, mais de um sentido, dependendo da formação discursiva à qual pertence.

O termo *formação discursiva* foi, originariamente, conceituado por Foucault (1987)<sup>1</sup>, referindo-o aos "princípios de individualização de um discurso". Existiria um "sistema de formação de enunciados", caracterizado por relações normativas, em que objetos, conceitos, temas e tipos de enunciação apresentariam uma ordem regular.

Pêcheux e Fuchs (1975) reestruturaram o conceito, aplicando-o à *Análise do Discurso*. A FD materializa e manifesta as relações de contradição ideológica existentes nas formações sociais, nas diferentes classes sociais em permanente conflito.

Tentando elaborar uma nova teoria para os estudos da linguagem, que desse conta ao mesmo tempo da língua, da ideologia e do indivíduo que produz enunciados, Pêcheux (1969) situou o discurso – este processo histórico e social de produção da linguagem, sempre no interior de um sistema de formações sociais – entre a língua e a ideologia, tomando-o como "efeito de sentidos" entre falantes e passou a apoiar sua teoria do discurso em uma teoria do sujeito, enfatizando o "lugar" ocupado por este quando produz seu discurso.

Pêcheux concorda com a tese foucaultiana de que o indivíduo só se constitui em sujeito ao assumir uma posição enquanto enunciador, todavia desenvolve sua teoria do sujeito, baseado na categoria althusseriana de "interpelação". Ao retomar a afirmação de Althusser de que o indivíduo não é livre, senão assujeitado pelas ideologias, ele argumenta que todo sujeito ocupa uma posição determinada dentro da formação social em que vive. Esta posição, ou lugar social, é marcada no discurso e estabelece o que pode (e o que não pode) ser dito.

A formação discursiva (FD) é um modo determinado do sujeito, interpelado, expressar sua visão de mundo. O indivíduo, inscrevendo-se em uma FD, torna-se assujeitado. Todo enunciado produzido insere-se em uma FD e é dela que extraímos o seu sentido.

<sup>1</sup> A obra original é de 1969.

<sup>2</sup> Conforme Courtine (1981), a partir de 1977, Pêcheux desenvolveu uma crítica marxista (via Althusser) da concepção foucaultiana de discurso, concluindo pela necessidade de uma "aproximação de seu conteúdo materialista".

Pêcheux (1988) vinculou as FDs às formações ideológicas que exprimem o posicionamento das diferentes classes sociais. Partindo-se de formações ideológicas, pode-se falar das mesmas coisas, porém com sentidos diversos. "[...] determinado modo de empregar a linguagem identificou-se com determinado modo de pensar a sociedade." (Eco, 1987, p. 85). As formações discursivas manifestam, portanto, as relações de contradição ideológica existentes nas formações sociais.

As contradições sociais e ideológicas refletem-se nas FDs, tornando-as heterogêneas e fazendo-as expressar diversas vozes e diversos sentidos. Como consequência, as FDs não têm limites, interseccionando-se frequentemente umas com as outras.

A partir dos conceitos de FD e FI, Pêcheux formulou e incorporou à AD outros conceitos: *interdiscurso*, *intradiscurso*, *pré-construído*, entre outros. O interdiscurso é um elemento da FD, produzido externa e anteriormente ao discurso presente; é o que representa, no interior da FD, a formação ideológica à qual está subordinado. Por isto, é no nível do interdiscurso que o sujeito é interpelado pela ideologia: o sujeito enunciador identifica-se com o sujeito do saber (ou sujeito universal) da FD. O interdiscurso é também o lugar onde se formam os "pré-construídos".

Em relação ao pré-construído, Pêcheux define:

"[...] remete simultaneamente 'àquilo que todo mundo sabe', isto é, aos conteúdos de pensamento do 'sujeito universal' suporte da identificação e àquilo que todo mundo, em uma 'situação' dada, pode ser e entender, sob a forma das evidências do 'contexto situacional'." (Pêcheux, *ibid.*, p. 171)

Assim, no interior de uma FD, constitui-se um sujeito universal, portador do que todos sabem e compreendem e com o qual o sujeito enunciador identifica-se, sendo por isto interpelado. Devido a estas características, pensamos ser possível aproximar o pré-construído da noção de senso comum.

Por fim o intradiscurso é a materialização lingüística da fala do sujeito. Através de suas marcas lingüísticas, pode-se ter uma transparência de sentido aparente. É via intradiscurso que obtemos as condições para uma análise discursiva.

A formação discursiva, portanto, impõe o que pode e o que deve ser dito, de que forma e por quem, assujeitando o indivíduo. Conforme Foucault, o sujeito ocupa posições, definidas por seu "status", que lhe autorizam a tomar a palavra ou a apenas ouvi-la.

"[...] em nossas sociedades, a propriedade do discurso – o direito de falar, competência para compreender, [...] capacidade de in-

vestir esse discurso em decisões, instituições ou práticas – está reservada de fato a um grupo determinado de indivíduos.” (Foucault, 1987, p. 75)

Em nossas sociedades, o direito à palavra sempre esteve reservado ao chamado “sexo forte”, o masculino que, inscrito em formações discursivas patriarcais, tem perpetuado o discurso de gênero, definido como uma categoria sócio-cultural que distingue feminino e masculino a partir de relações sociais e econômicas, oriundas das diferenças entre os sexos, construídas e determinadas hierarquicamente. Estas relações de gênero dividem e atribuem traços e capacidades diferenciadas entre homens e mulheres e têm sido relações de dominação, controladas, de forma um tanto precária atualmente, pelo homem. (Flax, 1992)

Para Foucault (1984), são as tecnologias do poder que determinam a conduta dos indivíduos, assujeitando-os e submetendo-os a todo o tipo de dominação. São tecnologias disciplinadoras, mecanismos heterogêneos de vigilância, ao nível da sociedade, que atingem o indivíduo em seu cotidiano. A disciplina exerce poder e produz saberes, por exemplo, nas escolas. Assim, seguindo Pereira (1994), concluímos que os “aparelhos de saber” interpellam os sujeitos não apenas ao nível do Estado, mas principalmente, e de forma muito mais eficaz, ao nível da cultura.

Por que, ao mencionarmos toda a humanidade, usamos o substantivo “homem”, ou, mesmo na presença de um público composto, na sua maioria, por mulheres, referimo-nos a todos, usando o plural masculino? A gramática nos diz que a prioridade é dada ao masculino, por ser considerado universal. No entanto, ao entendermos que o uso da linguagem é um reflexo das relações sociais, podemos dizer que esta prioridade é também, por extensão, uma questão social e ideológica de primazia de um sexo sobre outro. A normativa lingüística dissimula práticas e relações de dominação.

Estudos antropológicos, sobre a universalidade do masculino, demonstram que esta forma de pensamento ocidental é um legado grego, consolidado no Iluminismo, período em que a racionalização do pensamento valoriza a ciência e identifica a magia como “coisa de bruxas”. Neste momento, muitas mulheres serão queimadas em fogueiras públicas, consideradas feiticeiras, por deterem certos conhecimentos empíricos ligados à cura de doenças.

A dicotomização hierárquica é estabelecida, relacionando o homem a certos conceitos: ciência, razão, objetividade, em oposi-

ção a outros, relativos à mulher, como magia, emoção, sensualidade, subjetividade.

“[...] a relação entre os sexos é socialmente construída (... e) uma estratégia de poder, articulada a partir de um discurso que tenta encobrir as desigualdades entre os sexos naturalizando-as. Isto é, as desigualdades não são visíveis, ou, pelo menos, passíveis de questionamento, uma vez que se constrói um consenso por meio do qual o que foi produzido pela cultura é atribuído à natureza.” (Coutinho, 1994, p. 52)

Fairclough (1989) chama a atenção para a extensão do modo como a linguagem contribui para a dominação de algumas pessoas sobre outras, por meio de um discurso do senso comum e para o modo como este discurso pode ser ideologicamente condicionado pelas relações de poder. Tal discurso tem mantido a mulher em uma posição de subordinação há séculos, pois produz uma imagem de fragilidade e desigualdade em relação ao homem, levando à percepção da inferioridade feminina como algo “natural”.

Para Gramsci (1984), o senso comum é uma concepção de vida uma “filosofia primitiva” do produto histórico, em que há uma certa dose de experimentalismo e de observação direta da realidade, mas de forma empírica e limitada. Caracteriza-se por uma adesão e um conformismo irrestritos e age, de forma eficaz, sobre a mentalidade popular por meio da repetição sistemática de seus valores e crenças. Como consequência, o discurso do “natural” passa pelo estereótipo.

Desde o mundo antigo, na cultura greco-romana, o imaginário masculino representa a condição feminina como passiva e inferior em relação ao padrão anatômico, fisiológico e psicológico: o homem, obviamente.\*

Na tradição jurídica romana, a divisão dos sexos não era apenas natural, mas normativa. As crianças recém-nascidas somente eram recebidas, na sociedade, por decisão do chefe de família. A cultura judaico-cristã, da mesma forma, baseada nas escrituras, pregava a inferioridade das mulheres e seu dever de obediência, visto ter sido ao homem que Deus deu o poder (Ariès e Duby, 1990).

Toda a carga histórica de valores e comportamentos diferenciados fazem com que as características de gênero afetem toda a vida dos indivíduos, sejam mulheres ou homens. Mulheres e homens expressam-se de modo diferente. São diversas suas maneiras

\* Platão indignava-se com o fato de seres tão despreparados em matéria de educação serem responsáveis pela formação dos cidadãos. (Sissa, s.d.)

de pensar, falar, escrever e, mesmo, aprender. Barnes (1990) afirma que a tradição retórica acadêmica institucionaliza parâmetros (masculinos) que afetam tanto a linguagem oral como a escrita. Ela argumenta que o modelo ideal masculino de pensamento suprime a voz das escritoras, considerando boas características a lógica, a formalidade, a objetividade, ditadas pela tradição retórica masculina.

Para Coutinho, a família sempre utilizou técnicas (podemos dizer "saberes") para tornar as filhas "femininas" e os filhos "masculinos", o que era reforçado pela escola, bem como pelos meios de comunicação em geral. "Estas experiências sociais distintas levaram-nos a desenvolver diferentes padrões lingüísticos e comportamentais, bem como diferentes formas de exercer o controle sobre nossas vidas." (Coutinho, *ibid.*, p. 59)

Na verdade, a experiência educativa não é igual para ambos os sexos. As mulheres têm sido educadas para a submissão e, portanto, suas escolhas não são livres, mas condicionadas por estereótipos que vão ditar seus interesses e seus destinos. Assim, adianta muito pouco ter igualdade de direitos, declarada na Constituição, se as meninas deixam de ser incentivadas, pelos pais e pela sociedade, a escolher uma profissão e a obter independência econômica; se têm seu impulso espontâneo de independência barrado por um tipo de educação que objetiva, principalmente, a dependência e a permanência de sua condição eterna de anonimato e silêncio.

A cultura ocidental, patriarcal, que reconhece somente a experiência masculina como universal, tem negado às mulheres seu direito à voz, de diferentes maneiras: explicitamente, quando não há discursos produzidos por e sobre mulheres ou, implicitamente, quando, através do discurso de gênero, são reafirmados valores preconceituosos em relação ao sexo feminino.

Em nossa sociedade, só se tem acesso a uma parte do dizível (Foucault, 1971). Esse dizível delimita uma identidade androcêntrica, limitando ou excluindo a experiência feminina.

Orlandi (1989 e 1993), em suas reflexões sobre os processos de produção dos sentidos, estabelecidos pelas diferentes formas de silêncio, salienta que, em uma perspectiva discursiva, o silêncio tem seus próprios modos de significar. Ele não fala, todavia significa.<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Para Foucault (1984), não existe um, mas muitos silêncios que são parte integrante das estratégias de discursos. "[...] é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discricção é exigida a uns e outros." (p. 30)

O "silêncio fundador" e a "política do silêncio" são as duas formas de silêncio destacadas pela autora. Do primeiro, ela diz ser um silêncio impregnado de significações possíveis, fundando um sentido qualquer. É um "continuum significante".

A "política do silêncio", ou silenciamento, que nos interessa especificamente, é conceituada pelo fato de que ao dizermos certas coisas, apagamos outros sentidos possíveis, que, no entanto, não nos interessam, pois poderiam instalar "o trabalho significativo de uma outra formação discursiva". É um "silenciamento produzido pelo uso de certas palavras [...] especializadas em processos de exclusão e de atribuição de prestígios e poderes." (Orlandi, 1989, p. 41)

Esta dimensão política do silêncio remete-nos a Pêcheux (1988) e a sua teoria da posição do sujeito no discurso, bem como a Foucault (1984). O "poder-dizer" está relacionado com o estabelecido, não só institucionalmente como também culturalmente. Só toma a palavra quem tem poder para tal e de um lugar previamente reconhecido, produzindo, desta feita, um sentido cristalizado.

Diremos, então, que um discurso de gênero, ao falar de mulheres, diz coisas, do imaginário masculino, ligadas à retórica da dominação e da acomodação, mantendo a mulher restrita a um espaço privado, e à hierarquia estabelecida ideologicamente. Semelhante discurso está inserido na "política do silêncio".

Existem determinadas "vozes" que assumem, organizam e difundem o consenso. Trata-se de uma "voz social homogeneizante", representando vozes de autoridades que administram tanto o dizer como o silenciamento. Como a "voz" da imprensa. Nela, é possível identificar o "sempre-já-lá" do pré-construído, que institui o sujeito universal de uma FD conservadora.

A imprensa veicula, ideologicamente, através do discurso de gênero, o senso comum da hierarquia patriarcal. Ou as mulheres não aparecem ou, isto acontecendo, fala-se de assuntos femininos específicos, a saber, a casa, os filhos, o marido e a moda.

Exemplificaremos, a seguir, a maneira como o discurso de gênero se manifesta, na imprensa, analisando dois anúncios publicitários e uma reportagem jornalística. Tentaremos, também, fazer uma análise do funcionamento discursivo de alguns enunciados.

É nossa convicção, que todo o discurso é produzido com alguma intenção argumentativa, com o objetivo de persuadir o outro a aceitar uma dada idéia. Ao tentarmos interferir no pensamento do outro, o que temos em vista é garantir um certo domínio sobre ele. A luta pelo poder confronta-se na palavra, por isto seu caráter ideológico.

Visando ao convencimento, não só a mensagem publicitária, de forma mais explícita, mas também a notícia têm uma orientação argumentativa. Os textos publicados na imprensa empregam um raciocínio convencional, apontando para o senso comum. Em se tratando do discurso de gênero, há um abuso de estereótipos para enquadrar as mulheres em parâmetros do imaginário masculino, usados para confirmar “verdades” consagradas. Tal raciocínio consensual, segundo Eco (ibid.), é “um depósito de formas redundantes, reafirmando as opiniões do destinatário, fingindo discutir e induzir-nos a decisões novas, como concordar com uma opinião ou comprar um produto” (p. 78).

O senso comum é um recurso muito usado pelos meios de comunicação para manipular consciências. Não existe preocupação em qualificar, aprofundar ou ampliar o conhecimento, senão restringi-lo a uma moldura tradicional e já bem aceita. Neste sentido, Orlandi (1995) afirma que o discurso veiculado pela mídia faz todo um trabalho de determinação de um sentido único, literal, para os acontecimentos, com o propósito de deter o “domínio do gesto de interpretação”.

A imprensa escrita difunde os lugares comuns da visão patriarcal, silenciando a voz da mulher e limitando-a à esfera privada. Ao destacar a presença feminina, referenda e reforça o preconceito histórico, pois trata de “assuntos domésticos”.

Os mitos em relação à mulher têm definido sua condição no decorrer dos séculos. Beauvoir (ibid.) classificou-os: a mulher-mãe, mediadora, rainha do lar, ou o reverso, a mulher demônio, dissimulada, a prostituta. A imprensa reforça estes mitos, disseminando, nas últimas décadas, com um discurso da modernização e da mudança, os últimos. Por meio da sexualização do corpo feminino, os meios de comunicação difundem a imagem da mulher como objeto de prazer.

Na esteira da teoria foucaultiana da “tecnologia sexual”, Lauretis (1994) propõe ver o gênero como “produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema e toda a mídia, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana.” (p. 208).

Esta interpelação por meio de tecnologias e práticas de poder, que nos parece ser uma interpelação cultural, é marcada por mecanismos lingüísticos na superfície de seus discursos.

Pretendemos esclarecer tais mecanismos, analisando o funcionamento do discurso, bem como o processo de produção que mascara, no intradiscurso, os elementos ideológicos do interdiscurso das formações discursivas, como o pré-construído, por exemplo, e que evidenciam posições do sujeito.

Os textos escolhidos para a análise, retirados de jornais locais e de uma revista de circulação nacional, veículos formadores de opinião, abordam a imagem da mulher e são exemplos evidentes de produção do discurso de gênero.

TEXTO 1: propaganda do jornal *Zero Hora*<sup>6</sup>, publicada na revista *Veja*, janeiro de 1995.

A propaganda do jornal *Zero Hora*, destinada a um público masculino, retrata a imagem estereotipada e conservadora em relação às mulheres, que estão na esfera pública, veiculada pelos meios de comunicação. Ela é um típico exemplo de como tecnologias do poder sexualizam a imagem feminina, “vendendo-a” como um objeto.

Toda a estrutura argumentativa do texto está centrada na lógica e na objetividade, características sempre apregoadas por uma imprensa que se considera “neutra”. Vamos mostrar que esta neutralidade assume o saber do “sujeito universal” de uma FD ligada ao senso comum.

O anúncio define uma opinião sobre a imagem da gaúcha e, por comparação, da mulher brasileira, destacada no enunciado

<sup>6</sup> Foucault (1984), em *História da sexualidade*, diz que a sexualidade não é natural, mas culturalmente produzida por discursos e práticas de vigilância e disciplina, que se instauram em toda a sociedade, em instituições como as escolas, os hospitais, as prisões, e que reprimem os sujeitos, atingindo-os, materialmente, em seus corpos e vida cotidiana. A disciplina produz corpos dóceis e relações de sujeição.

<sup>7</sup> *Zero Hora* é o jornal de maior circulação na cidade de Porto Alegre.

*Já se perdeu a conta de quantas foram Miss Brasil. Inclusive a atual é mais uma delas. Bonitas e bem produzidas, as gaúchas são umas das maiores consumidoras de cosméticos do país. Também, com uma renda per capita em torno de 4 mil dólares, sobra um bom dinheiro para investimento pessoal. Mas este é apenas um dos dados deste importante pólo de consumo, onde a renda por habitante é 85% superior à média do país. Se você está disposto a ganhar não só as mulheres gaúchas, mas todo o mercado, comece por um jornal que tem mais de um milhão de leitores. Anuncie em Zero Hora.*

A INDÚSTRIA  
DE COSMÉTICOS  
TAMBÉM ACHA  
A MULHER  
GAÚCHA A MAIS  
BONITA DO PAÍS.



ZERO HORA

Vol. 15 - Nº 1620 - 1ª EDIÇÃO - PÁG. 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 - 16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21 - 22 - 23 - 24 - 25 - 26 - 27 - 28 - 29 - 30 - 31 - 32 - 33 - 34 - 35 - 36 - 37 - 38 - 39 - 40 - 41 - 42 - 43 - 44 - 45 - 46 - 47 - 48 - 49 - 50 - 51 - 52 - 53 - 54 - 55 - 56 - 57 - 58 - 59 - 60 - 61 - 62 - 63 - 64 - 65 - 66 - 67 - 68 - 69 - 70 - 71 - 72 - 73 - 74 - 75 - 76 - 77 - 78 - 79 - 80 - 81 - 82 - 83 - 84 - 85 - 86 - 87 - 88 - 89 - 90 - 91 - 92 - 93 - 94 - 95 - 96 - 97 - 98 - 99 - 100 - 101 - 102 - 103 - 104 - 105 - 106 - 107 - 108 - 109 - 110 - 111 - 112 - 113 - 114 - 115 - 116 - 117 - 118 - 119 - 120 - 121 - 122 - 123 - 124 - 125 - 126 - 127 - 128 - 129 - 130 - 131 - 132 - 133 - 134 - 135 - 136 - 137 - 138 - 139 - 140 - 141 - 142 - 143 - 144 - 145 - 146 - 147 - 148 - 149 - 150 - 151 - 152 - 153 - 154 - 155 - 156 - 157 - 158 - 159 - 160 - 161 - 162 - 163 - 164 - 165 - 166 - 167 - 168 - 169 - 170 - 171 - 172 - 173 - 174 - 175 - 176 - 177 - 178 - 179 - 180 - 181 - 182 - 183 - 184 - 185 - 186 - 187 - 188 - 189 - 190 - 191 - 192 - 193 - 194 - 195 - 196 - 197 - 198 - 199 - 200 - 201 - 202 - 203 - 204 - 205 - 206 - 207 - 208 - 209 - 210 - 211 - 212 - 213 - 214 - 215 - 216 - 217 - 218 - 219 - 220 - 221 - 222 - 223 - 224 - 225 - 226 - 227 - 228 - 229 - 230 - 231 - 232 - 233 - 234 - 235 - 236 - 237 - 238 - 239 - 240 - 241 - 242 - 243 - 244 - 245 - 246 - 247 - 248 - 249 - 250 - 251 - 252 - 253 - 254 - 255 - 256 - 257 - 258 - 259 - 260 - 261 - 262 - 263 - 264 - 265 - 266 - 267 - 268 - 269 - 270 - 271 - 272 - 273 - 274 - 275 - 276 - 277 - 278 - 279 - 280 - 281 - 282 - 283 - 284 - 285 - 286 - 287 - 288 - 289 - 290 - 291 - 292 - 293 - 294 - 295 - 296 - 297 - 298 - 299 - 300 - 301 - 302 - 303 - 304 - 305 - 306 - 307 - 308 - 309 - 310 - 311 - 312 - 313 - 314 - 315 - 316 - 317 - 318 - 319 - 320 - 321 - 322 - 323 - 324 - 325 - 326 - 327 - 328 - 329 - 330 - 331 - 332 - 333 - 334 - 335 - 336 - 337 - 338 - 339 - 340 - 341 - 342 - 343 - 344 - 345 - 346 - 347 - 348 - 349 - 350 - 351 - 352 - 353 - 354 - 355 - 356 - 357 - 358 - 359 - 360 - 361 - 362 - 363 - 364 - 365 - 366 - 367 - 368 - 369 - 370 - 371 - 372 - 373 - 374 - 375 - 376 - 377 - 378 - 379 - 380 - 381 - 382 - 383 - 384 - 385 - 386 - 387 - 388 - 389 - 390 - 391 - 392 - 393 - 394 - 395 - 396 - 397 - 398 - 399 - 400 - 401 - 402 - 403 - 404 - 405 - 406 - 407 - 408 - 409 - 410 - 411 - 412 - 413 - 414 - 415 - 416 - 417 - 418 - 419 - 420 - 421 - 422 - 423 - 424 - 425 - 426 - 427 - 428 - 429 - 430 - 431 - 432 - 433 - 434 - 435 - 436 - 437 - 438 - 439 - 440 - 441 - 442 - 443 - 444 - 445 - 446 - 447 - 448 - 449 - 450 - 451 - 452 - 453 - 454 - 455 - 456 - 457 - 458 - 459 - 460 - 461 - 462 - 463 - 464 - 465 - 466 - 467 - 468 - 469 - 470 - 471 - 472 - 473 - 474 - 475 - 476 - 477 - 478 - 479 - 480 - 481 - 482 - 483 - 484 - 485 - 486 - 487 - 488 - 489 - 490 - 491 - 492 - 493 - 494 - 495 - 496 - 497 - 498 - 499 - 500 - 501 - 502 - 503 - 504 - 505 - 506 - 507 - 508 - 509 - 510 - 511 - 512 - 513 - 514 - 515 - 516 - 517 - 518 - 519 - 520 - 521 - 522 - 523 - 524 - 525 - 526 - 527 - 528 - 529 - 530 - 531 - 532 - 533 - 534 - 535 - 536 - 537 - 538 - 539 - 540 - 541 - 542 - 543 - 544 - 545 - 546 - 547 - 548 - 549 - 550 - 551 - 552 - 553 - 554 - 555 - 556 - 557 - 558 - 559 - 560 - 561 - 562 - 563 - 564 - 565 - 566 - 567 - 568 - 569 - 570 - 571 - 572 - 573 - 574 - 575 - 576 - 577 - 578 - 579 - 580 - 581 - 582 - 583 - 584 - 585 - 586 - 587 - 588 - 589 - 590 - 591 - 592 - 593 - 594 - 595 - 596 - 597 - 598 - 599 - 600 - 601 - 602 - 603 - 604 - 605 - 606 - 607 - 608 - 609 - 610 - 611 - 612 - 613 - 614 - 615 - 616 - 617 - 618 - 619 - 620 - 621 - 622 - 623 - 624 - 625 - 626 - 627 - 628 - 629 - 630 - 631 - 632 - 633 - 634 - 635 - 636 - 637 - 638 - 639 - 640 - 641 - 642 - 643 - 644 - 645 - 646 - 647 - 648 - 649 - 650 - 651 - 652 - 653 - 654 - 655 - 656 - 657 - 658 - 659 - 660 - 661 - 662 - 663 - 664 - 665 - 666 - 667 - 668 - 669 - 670 - 671 - 672 - 673 - 674 - 675 - 676 - 677 - 678 - 679 - 680 - 681 - 682 - 683 - 684 - 685 - 686 - 687 - 688 - 689 - 690 - 691 - 692 - 693 - 694 - 695 - 696 - 697 - 698 - 699 - 700 - 701 - 702 - 703 - 704 - 705 - 706 - 707 - 708 - 709 - 710 - 711 - 712 - 713 - 714 - 715 - 716 - 717 - 718 - 719 - 720 - 721 - 722 - 723 - 724 - 725 - 726 - 727 - 728 - 729 - 730 - 731 - 732 - 733 - 734 - 735 - 736 - 737 - 738 - 739 - 740 - 741 - 742 - 743 - 744 - 745 - 746 - 747 - 748 - 749 - 750 - 751 - 752 - 753 - 754 - 755 - 756 - 757 - 758 - 759 - 760 - 761 - 762 - 763 - 764 - 765 - 766 - 767 - 768 - 769 - 770 - 771 - 772 - 773 - 774 - 775 - 776 - 777 - 778 - 779 - 780 - 781 - 782 - 783 - 784 - 785 - 786 - 787 - 788 - 789 - 790 - 791 - 792 - 793 - 794 - 795 - 796 - 797 - 798 - 799 - 800 - 801 - 802 - 803 - 804 - 805 - 806 - 807 - 808 - 809 - 810 - 811 - 812 - 813 - 814 - 815 - 816 - 817 - 818 - 819 - 820 - 821 - 822 - 823 - 824 - 825 - 826 - 827 - 828 - 829 - 830 - 831 - 832 - 833 - 834 - 835 - 836 - 837 - 838 - 839 - 840 - 841 - 842 - 843 - 844 - 845 - 846 - 847 - 848 - 849 - 850 - 851 - 852 - 853 - 854 - 855 - 856 - 857 - 858 - 859 - 860 - 861 - 862 - 863 - 864 - 865 - 866 - 867 - 868 - 869 - 870 - 871 - 872 - 873 - 874 - 875 - 876 - 877 - 878 - 879 - 880 - 881 - 882 - 883 - 884 - 885 - 886 - 887 - 888 - 889 - 890 - 891 - 892 - 893 - 894 - 895 - 896 - 897 - 898 - 899 - 900 - 901 - 902 - 903 - 904 - 905 - 906 - 907 - 908 - 909 - 910 - 911 - 912 - 913 - 914 - 915 - 916 - 917 - 918 - 919 - 920 - 921 - 922 - 923 - 924 - 925 - 926 - 927 - 928 - 929 - 930 - 931 - 932 - 933 - 934 - 935 - 936 - 937 - 938 - 939 - 940 - 941 - 942 - 943 - 944 - 945 - 946 - 947 - 948 - 949 - 950 - 951 - 952 - 953 - 954 - 955 - 956 - 957 - 958 - 959 - 960 - 961 - 962 - 963 - 964 - 965 - 966 - 967 - 968 - 969 - 970 - 971 - 972 - 973 - 974 - 975 - 976 - 977 - 978 - 979 - 980 - 981 - 982 - 983 - 984 - 985 - 986 - 987 - 988 - 989 - 990 - 991 - 992 - 993 - 994 - 995 - 996 - 997 - 998 - 999 - 1000

**ZERO HORA**

Vol. 15 - Nº 1620 - 1ª EDIÇÃO - PÁG. 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 - 16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21 - 22 - 23 - 24 - 25 - 26 - 27 - 28 - 29 - 30 - 31 - 32 - 33 - 34 - 35 - 36 - 37 - 38 - 39 - 40 - 41 - 42 - 43 - 44 - 45 - 46 - 47 - 48 - 49 - 50 - 51 - 52 - 53 - 54 - 55 - 56 - 57 - 58 - 59 - 60 - 61 - 62 - 63 - 64 - 65 - 66 - 67 - 68 - 69 - 70 - 71 - 72 - 73 - 74 - 75 - 76 - 77 - 78 - 79 - 80 - 81 - 82 - 83 - 84 - 85 - 86 - 87 - 88 - 89 - 90 - 91 - 92 - 93 - 94 - 95 - 96 - 97 - 98 - 99 - 100 - 101 - 102 - 103 - 104 - 105 - 106 - 107 - 108 - 109 - 110 - 111 - 112 - 113 - 114 - 115 - 116 - 117 - 118 - 119 - 120 - 121 - 122 - 123 - 124 - 125 - 126 - 127 - 128 - 129 - 130 - 131 - 132 - 133 - 134 - 135 - 136 - 137 - 138 - 139 - 140 - 141 - 142 - 143 - 144 - 145 - 146 - 147 - 148 - 149 - 150 - 151 - 152 - 153 - 154 - 155 - 156 - 157 - 158 - 159 - 160 - 161 - 162 - 163 - 164 - 165 - 166 - 167 - 168 - 169 - 170 - 171 - 172 - 173 - 174 - 175 - 176 - 177 - 178 - 179 - 180 - 181 - 182 - 183 - 184 - 185 - 186 - 187 - 188 - 189 - 190 - 191 - 192 - 193 - 194 - 195 - 196 - 197 - 198 - 199 - 200 - 201 - 202 - 203 - 204 - 205 - 206 - 207 - 208 - 209 - 210 - 211 - 212 - 213 - 214 - 215 - 216 - 217 - 218 - 219 - 220 - 221 - 222 - 223 - 224 - 225 - 226 - 227 - 228 - 229 - 230 - 231 - 232 - 233 - 234 - 235 - 236 - 237 - 238 - 239 - 240 - 241 - 242 - 243 - 244 - 245 - 246 - 247 - 248 - 249 - 250 - 251 - 252 - 253 - 254 - 255 - 256 - 257 - 258 - 259 - 260 - 261 - 262 - 263 - 264 - 265 - 266 - 267 - 268 - 269 - 270 - 271 - 272 - 273 - 274 - 275 - 276 - 277 - 278 - 279 - 280 - 281 - 282 - 283 - 284 - 285 - 286 - 287 - 288 - 289 - 290 - 291 - 292 - 293 - 294 - 295 - 296 - 297 - 298 - 299 - 300 - 301 - 302 - 303 - 304 - 305 - 306 - 307 - 308 - 309 - 310 - 311 - 312 - 313 - 314 - 315 - 316 - 317 - 318 - 319 - 320 - 321 - 322 - 323 - 324 - 325 - 326 - 327 - 328 - 329 - 330 - 331 - 332 - 333 - 334 - 335 - 336 - 337 - 338 - 339 - 340 - 341 - 342 - 343 - 344 - 345 - 346 - 347 - 348 - 349 - 350 - 351 - 352 - 353 - 354 - 355 - 356 - 357 - 358 - 359 - 360 - 361 - 362 - 363 - 364 - 365 - 366 - 367 - 368 - 369 - 370 - 371 - 372 - 373 - 374 - 375 - 376 - 377 - 378 - 379 - 380 - 381 - 382 - 383 - 384 - 385 - 386 - 387 - 388 - 389 - 390 - 391 - 392 - 393 - 394 - 395 - 396 - 397 - 398 - 399 - 400 - 401 - 402 - 403 - 404 - 405 - 406 - 407 - 408 - 409 - 410 - 411 - 412 - 413 - 414 - 415 - 416 - 417 - 418 - 419 - 420 - 421 - 422 - 423 - 424 - 425 - 426 - 427 - 428 - 429 - 430 - 431 - 432 - 433 - 434 - 435 - 436 - 437 - 438 - 439 - 440 - 441 - 442 - 443 - 444 - 445 - 446 - 447 - 448 - 449 - 450 - 451 - 452 - 453 - 454 - 455 - 456 - 457 - 458 - 459 - 460 - 461 - 462 - 463 - 464 - 465 - 466 - 467 - 468 - 469 - 470 - 471 - 472 - 473 - 474 - 475 - 476 - 477 - 478 - 479 - 480 - 481 - 482 - 483 - 484 - 485 - 486 - 487 - 488 - 489 - 490 - 491 - 492 - 493 - 494 - 495 - 496 - 497 - 498 - 499 - 500 - 501 - 502 - 503 - 504 - 505 - 506 - 507 - 508 - 509 - 510 - 511 - 512 - 513 - 514 - 515 - 516 - 517 - 518 - 519 - 520 - 521 - 522 - 523 - 524 - 525 - 526 - 527 - 528 - 529 - 530 - 531 - 532 - 533 - 534 - 535 - 536 - 537 - 538 - 539 - 540 - 541 - 542 - 543 - 544 - 545 - 546 - 547 - 548 - 549 - 550 - 551 - 552 - 553 - 554 - 555 - 556 - 557 - 558 - 559 - 560 - 561 - 562 - 563 - 564 - 565 - 566 - 567 - 568 - 569 - 570 - 571 - 572 - 573 - 574 - 575 - 576 - 577 - 578 - 579 - 580 - 581 - 582 - 583 - 584 - 585 - 586 - 587 - 588 - 589 - 590 - 591 - 592 - 593 - 594 - 595 - 596 - 597 - 598 - 599 - 600 - 601 - 602 - 603 - 604 - 605 - 606 - 607 - 608 - 609 - 610 - 611 - 612 - 613 - 614 - 615 - 616 - 617 - 618 - 619 - 620 - 621 - 622 - 623 - 624 - 625 - 626 - 627 - 628 - 629 - 630 - 631 - 632 - 633 - 634 - 635 - 636 - 637 - 638 - 639 - 640 - 641 - 642 - 643 - 644 - 645 - 646 - 647 - 648 - 649 - 650 - 651 - 652 - 653 - 654 - 655 - 656 - 657 - 658 - 659 - 660 - 661 - 662 - 663 - 664 - 665 - 666 - 667 - 668 - 669 - 670 - 671 - 672 - 673 - 674 - 675 - 676 - 677 - 678 - 679 - 680 - 681 - 682 - 683 - 684 - 685 - 686 - 687 - 688 - 689 - 690 - 691 - 692 - 693 - 694 - 695 - 696 - 697 - 698 - 699 - 700 - 701 - 702 - 703 - 704 - 705 - 706 - 707 - 708 - 709 - 710 - 711 - 712 - 713 - 714 - 715 - 716 - 717 - 718 - 719 - 720 - 721 - 722 - 723 - 724 - 725 - 726 - 727 - 728 - 729 - 730 - 731 - 732 - 733 - 734 - 735 - 736 - 737 - 738 - 739 - 740 - 741 - 742 - 743 - 744 - 745 - 746 - 747 - 748 - 749 - 750 - 751 - 752 - 753 - 754 - 755 - 756 - 757 - 758 - 759 - 760 - 761 - 762 - 763 - 764 - 765 - 766 - 767 - 768 - 769 - 770 - 771 - 772 - 773 - 774 - 775 - 776 - 777 - 778 - 779 - 780 - 781 - 782 - 783 - 784 - 785 - 786 - 787 - 788 - 789 - 790 - 791 - 792 - 793 - 794 - 795 - 796 - 797 - 798 - 799 - 800 - 801 - 802 - 803 - 804 - 805 - 806 - 807 - 808 - 809 - 810 - 811 - 812 - 813 - 814 - 815 - 816 - 817 - 818 - 819 - 820 - 821 - 822 - 823 - 824 - 825 - 826 - 827 - 828 - 829 - 830 - 831 - 832 - 833 - 834 - 835 - 836 - 837 - 838 - 839 - 840 - 841 - 842 - 843 - 844 - 845 - 846 - 847 - 848 - 849 - 850 - 851 - 852 - 853 - 854 - 855 - 856 - 857 - 858 - 859 - 860 - 861 - 862 - 863 - 864 - 865 - 866 - 867 - 868 - 869 - 870 - 871 - 872 - 873 - 874 - 875 - 876 - 877 - 878 - 879 - 880 - 881 - 882 - 883 - 884 - 885 - 886 - 887 - 888 - 889 - 890 - 891 - 892 - 893 - 894 - 895 - 896 - 897 - 898 - 899 - 900 - 901 - 902 - 903 - 904 - 905 - 906 - 907 - 908 - 909 - 910 - 911 - 912 - 913 - 914 - 915 - 916 - 917 - 918 - 919 - 920 - 921 - 922 - 923 - 924 - 925 - 926 - 927 - 928 - 929 - 930 - 931 - 932 - 933 - 934 - 935 - 936 - 937 - 938 - 939 - 940 - 941 - 942 - 943 - 944 - 945 - 946 - 947 - 948 - 949 - 950 - 951 - 952 - 953 - 954 - 955 - 956 - 957 - 958 - 959 - 960 - 961 - 962 - 963 - 964 - 965 - 966 - 967 - 968 - 969 - 970 - 971 - 972 - 973 - 974 - 975 - 976 - 977 - 978 - 979 - 980 - 981 - 982 - 983 - 984 - 985 - 986 - 987 - 988 - 989 - 990 - 991 - 992 - 993 - 994 - 995 - 996 - 997 - 998 - 999 - 1000

**ZERO HORA**

**EH define quem é quem no economi**

*O Jornal que mais Vende na Terra que mais Compra.*

## TEXTO 1

- (1) A indústria de cosméticos também acha a mulher gaúcha a mais bonita do país.

O texto transmite um sentido de superioridade em relação a um atributo caracteristicamente feminino, a beleza, reforçado pelo emprego do superlativo. Tal mecanismo formal, usado mais vezes ao longo do texto, bem como as cifras e estatísticas, “renda per capita de 4 mil dólares”, “85% superior à média”, “mais de um milhão de leitores”, argumentam em torno da quantificação lógica, tentando tornar a conclusão inquestionável.

O advérbio “também” orienta, discursivamente, no sentido de uma concordância em relação a um atributo da mulher gaúcha. Não apenas a indústria de cosméticos, autoridade no assunto, considera a beleza da mulher gaúcha superior, o jornal em questão da mesma forma. A mesma opinião tem, também, a voz de uma outra autoridade, implícita no texto, que representa os concursos de misses. Todas estas vozes manifestam sujeitos que partilham elementos de saber comuns, ligados a formações discursivas compatíveis.

O discurso de gênero é salientado em vários enunciados, apresentando lugares comuns, sempre relacionados ao atributo beleza, como o argumento de Miss Brasil, uma banalidade, quase em desuso, mas que repete e reforça o senso comum dos discursos conservadores e que ainda parece dar resultados para a publicidade.

A propaganda mostra o lado público da mulher, visto ela ter uma renda, que é alta, e, por isto, poder investir em si. Não foge, no entanto, da visão preconceituosa, pois, para Zero Hora, a renda parece servir, somente, para que ela fique “bem produzida”, como se o principal objetivo das mulheres fosse cuidar de sua aparência. Aliás, é exatamente isto que uma FD, baseada no imaginário masculino, revela. Os discursos da “tecnologia sexual” elaboram práticas de embelezamento, e são reforçados pela mídia, ambos tão conservadores quanto a visão que apregoa a volta das mulheres ao lar, pois têm como parâmetro ideológico os mitos estereotipados da mulher-mãe, no caso deste, ou o da mulher-fêmea no daqueles.

Visão machista e grosseira está presente na seqüência

- (2) Se você está disposto a ganhar não só as mulheres gaúchas, mas todo o mercado, comece por um jornal que tem mais de um milhão de leitores.

que, além de apontar os homens como destinatários do anúncio, enfatiza a mulher como um objeto de consumo.

A figura do jornal, estampada com um risco vermelho, acima do nome, que remete para a imagem iconográfica do batom vermelho, bem como o enunciado conclusivo,

(3) O Jornal que mais Vende na Terra que mais Compra.

estabelecem uma comparação entre o jornal (que vende mais) e a mulher (mais bonita e que mais compra), ambos gaúchos. Esta comparação, reducionista, qualifica o jornal como o melhor, que deve, portanto, ser escolhido pelas chances de ganho oferecidas. Ao mesmo tempo, desqualifica a mulher, divulgando uma representação retrógrada e denegrada, ao compará-la com um objeto de compra e venda. Tal comparação estabelecida por elementos linguísticos é compatível, no nível discursivo, com os elementos de saber, vinculados ao pré-construído, e articulados ideologicamente pelo interdiscurso de FDs ligadas à tradição social e da qual fazem parte as vozes destes sujeitos descritas acima.

TEXTO 2: reportagem com as secretárias da educação do município de Porto Alegre e do estado do Rio Grande do Sul, publicada no jornal *Zero Hora* em 15 de agosto de 1993.

O artigo, assinado por duas jornalistas e divulgado na seção política do jornal, revela toda a contradição existente, no momento atual, em relação à condição da mulher. Apesar de o texto aparecer em uma seção predominantemente masculina e ter sido escrito por profissionais mulheres, não consegue se libertar dos estereótipos padronizados, que salientam a preocupação da mulher com assuntos femininos, ditos específicos, ou seja, o marido, os filhos, a culinária e a aparência. A preocupação com a atividade profissional pública, que vislumbrava um debate de idéias muito interessante, no primeiro parágrafo, e as aspirações políticas futuras, que deveriam ser evidenciadas na matéria, ocupam um espaço limitado e de menor interesse.

O enunciado presente nas primeiras linhas,

(4) Os gaúchos nunca elegeram uma mulher para a Câmara dos deputados...

é a exata expressão do pensamento conservador ligado à ideologia da cultura gaúcha. O advérbio *nunca* é um reforço enfatizador desta visão arcaica e tem a propriedade, como outros modalizadores, de "colocar as unidades fora do tempo, dito de outra forma, em qualquer tempo, a fim de assegurar a permanência da ordem moral." (Pereira, 94)

O enunciado integra uma FD cujo interdiscurso "sempre-já" disse que o lugar das mulheres não é na Câmara dos Deputados.

O sujeito desta FD identifica-se com o sujeito dos discursos de gênero e as próprias autoras do artigo também estão assujeitadas a este "sujeito universal", reproduzindo o seu discurso.

eleições 94

## Damas da educação brigam por votos



Maria Carolina, candidata ao mandato.



Esther Fátima Grassi, candidata que nasceu de vir.

Preocupações comuns e opções diferentes marcam Neusa Casabarro e Esther Grassi, candidatas a uma cadeira na Câmara Federal

**NOVA DE OLIVEIRA (MARIETA BENDI)**

Do primeiro, que nunca elegeram uma mulher para a Câmara do Deputado, até em 1994, pois nunca foram candidatas com chances de ganhar esse cargo. De outra preocupação diferente, ambas de origem gaúcha são eleitoras. Esther Grassi (PTB) e Neusa Casabarro (PDT) estão disputando a poltrona em nome da mesma cidade, o mesmo. As duas já passaram a tempo inteiro e de maneira profissional da Educação, em Porto Alegre, mas desenvolveram a função por caminhos diversos. De origem de classe média, a exprofessora foi professora em escolas públicas e "comunitárias" no vale de Itajaí, enquanto a secretária estadual ainda não tinha conseguido o reconhecimento profissional que a professora privada alcançou.

Os caminhos de Esther e Neusa se cruzaram no ano de 1990, no município de São Paulo. O filho de primeira infância, Alvaro, e a filha que nasceu a primeira filha e o primeiro filho em quatro anos de casamento, Alvaro, são os filhos de Esther e Neusa. Esther tem dois filhos e Neusa tem três. Ambas são mães solteiras e vivem com os filhos em um apartamento em São Paulo. Esther tem dois filhos e Neusa tem três. Ambas são mães solteiras e vivem com os filhos em um apartamento em São Paulo.

Maria Carolina		Esther Fátima Grassi	
Idade	47	Idade	51
País e estado	Itajaí e Itajaí	País e estado	Itajaí e Itajaí
Orgão recente	Santa de Ligeiros	Orgão recente	Santa de Ligeiros
Partido	PTB	Partido	PTB
Almô	Almô Casabarro (pai), professora, disciplina, escola e planejamento	Almô	Almô Grassi (pai), professor, disciplina, escola e planejamento
Profissão	Professora	Profissão	Professora
Estado	Itajaí	Estado	Itajaí
Partido	PTB	Partido	PTB

Em 1990, Esther e Neusa se conheceram em São Paulo. Esther tinha dois filhos e Neusa tinha três. Ambas são mães solteiras e vivem com os filhos em um apartamento em São Paulo. Esther tem dois filhos e Neusa tem três. Ambas são mães solteiras e vivem com os filhos em um apartamento em São Paulo.

Em 1990, Esther e Neusa se conheceram em São Paulo. Esther tinha dois filhos e Neusa tinha três. Ambas são mães solteiras e vivem com os filhos em um apartamento em São Paulo. Esther tem dois filhos e Neusa tem três. Ambas são mães solteiras e vivem com os filhos em um apartamento em São Paulo.

TEXTO 2

Já no segundo parágrafo, a partir da linha 29, é evidenciada a questão da aparência: elegância, maquiagem, vestuário, estendendo-se até a linha 44, quando então é introduzido outro assunto "específico" – os maridos.

No campo semântico da aparência, há um verdadeiro abuso de adjetivos para a qualificação das mulheres, tanto positiva quanto negativamente. É uma característica comum e o artigo não foge à regra. Difícilmente seriam encontrados os adjetivos *exótico*, *extravagante*, *bem cortados*, *coloridos*, *vaidosas*, *frenético*, se o artigo tratasse de homens. A propósito, os adjetivos usados em relação aos maridos no texto são: *discreto* e *rigorosa*. O que nos faz concluir que parece haver, dentro de FDs patriarcalistas, um consenso, atribuindo sentidos "comedidos" aos adjetivos qualificadores relacionados ao sexo masculino. Já os "adjetivos femininos" teriam uma orientação contrária a esta moderação.



Ao focar o assunto “maridos”, a história e a vida particular dos casais são então enfatizadas: como se encontraram, as características pessoais dos maridos e alguns aspectos particulares da relação conjugal, não diferindo em nada da forma de reportagens encontradas nas revistas femininas.

A partir da linha 78, até o final do parágrafo, enfrenta-se o preconceito, ligado ao gênero, que coloca as relações de conflito encaradas pelas mulheres em seus ambientes de trabalho. Relações profissionais conflituosas não são exclusividade do sexo feminino, entretanto elas são mais evidenciadas, a exemplo do que acontece no presente artigo, devido a “saberes” de FDs do senso comum, que pregam a incapacidade feminina de lidar com situações polêmicas na esfera profissional.

No discurso das jornalistas, a interpelação a estes elementos ideológicos fica clara, ao tomarmos como exemplo, pelo menos, duas palavras das linhas 78 e 79,

(5) RESISTÊNCIAS – Em comum, ambas têm ainda a dificuldade de transitar...

Os substantivos *resistência* e *dificuldade* expressam uma carga semântica negativa, referindo-se à recusa e exclusão.

O último parágrafo volta, novamente, a um assunto específico – a culinária, revelada, por ambas as entrevistadas, como uma vocação. Na linha 102, no enunciado

(6) Neusa fez questão de repassar suas técnicas até ao filho mais novo.

o sentido vinculado ao advérbio *até* orienta uma conclusão que traduz, com clareza, a visão estereotipada e preconceituosa, que afasta os homens da cozinha. O pré-construído latente coloca a cozinha como um espaço feminino e não masculino. Se no lugar de *filho* tivéssemos *filha*, o advérbio desapareceria. *Até* indica uma concessão, já que não é “natural”, no espaço doméstico, meninos cozinharemos.

Estudo semelhante, porém no nível de uma teoria argumentativa, foi realizado por Ducrot (1989), tratando dos “topoi” argumentativos que levam o locutor a conclusões óbvias, inscritas ao senso comum.

No parágrafo final, é mostrada a agitação da vida profissional desempenhada pelas duas “damas da educação”. Confirma-se, assim, a visão de que a mulher pode conciliar o doméstico e o profissional, mesmo que isto lhe tome algumas horas de sono, coisa

que jamais acontece com o homem, que tem o lar como um lugar de descanso.

Perpassa a reportagem a importância dada à vida privada das duas professoras, reconhecidas por suas atividades públicas. Como se o conhecimento de seu lado doméstico colocasse, a ambas, mais próximas da condição feminina “normal”. As fotos, elementos visuais que chamam a atenção dentro da página, trazem, subscritos, enunciados que ressaltam essas particularidades, ditas femininas.

Ao empregarem tais lugares comuns, as autoras da reportagem retratam uma visão ideológica e discriminatória, filiando-se ao “sujeito universal” de FDs tradicionais, provavelmente compatível com a orientação do jornal, onde predomina uma “política do silêncio”, via discurso de gênero.

TEXTO 3: Propaganda de um sistema de saúde, publicada no jornal *Zero Hora* no dia 8 de março de 1995.

O dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, é marcado contraditoriamente pela mídia, no sentido de que a maioria dos veículos de comunicação não o enfatiza como uma ocasião que remete a um significado de luta e conquista pela emancipação feminina.

Geralmente, as propagandas dos jornais, nesta data, caracterizam dois pontos de vista estereotipados em relação às mulheres em que, por um lado, elas são vistas como seres maternais, frágeis e delicados, ocupando a esfera privada do lar; e por outro aparecem como fêmeas-fatais emancipadas, principalmente no âmbito sexual, e com trânsito na esfera pública. As duas posições são opostas, porém não contraditórias, pois estão ligadas ao imaginário comum.

Diferentemente e para enfatizar as contradições ideológicas existentes em todos os campos sociais e que se apresentam também no discurso, por meio de elementos heterogêneos, dentro das FDs, trazemos uma propaganda com uma opinião avançada, que concede voz às mulheres que conquistaram seu espaço público, desempenhando uma profissão.

## Por trás de um grande homem há sempre uma grande mulher

Aqui há alguns tempos atrás ocorreu em evento esta importante. Hoje não são mais os mesmos. Isso porque a mulher disputa lado a lado com o homem em todas as profissões ou atividades, contribuindo para o progresso do nosso país. E não se trata de ser. Ela tem um papel importante no sociedade. No lar, participa ombro a ombro com o homem nas decisões para o bem-estar da saúde de sua família. No DIA INTERNACIONAL DA MULHER, o Sistema GEBEMED de Saúde deseja homenagear todas as mulheres de nossa terra.

8 DE MARÇO  
DIA INTERNACIONAL DA MULHER



### TEXTO 3

O texto publicitário inicia com um enunciado que reproduz um dito popular, estereótipo de uma visão androgênica de sociedade, colocando em jogo as relações de poder entre os sexos.

(7) Por trás de um grande homem há sempre uma grande mulher.

O advérbio *por trás* direciona semanticamente à discriminação e à inferioridade, condizente com a ideologia de uma FD machista e discriminatória que afirma ser o homem superior à mulher.

O advérbio *sempre* reforça esta posição, definitivamente, instituindo a permanência da ordem natural das coisas.

O locutor, contrariamente, afasta-se dessa posição dogmática, contestando-a e instaurando o trabalho de uma outra FD na seqüência

(8) Hoje ela não tem mais sentido.

na qual se refere ao enunciado (7). O intradiscurso mostra, entretanto, o confronto de elementos de saber de formações ideológicas distintas.

Segundo Vogt e Ducrot (1989), o operador negativo *não* é polifônico, pois destaca a presença de dois pontos de vista opostos no enunciado. Também no nível discursivo, podemos dizer que em

(8) são apresentadas duas formações discursivas contrárias: uma que afirma o "sujeito universal" do senso comum em relação à superioridade dos homens e outra que o nega. O adjunto *não* reforça a heterogeneidade.

Nas seqüências seguintes, o locutor argumenta, comparando homem e mulher e igualando-os em um mesmo patamar. O sucesso e a responsabilidade, no campo profissional como na esfera familiar, são compartilhados. Os elementos linguísticos atestam, da mesma forma, e sustentam a relação de igualdade, integrando esta nova FD que emerge do texto. É o caso das expressões *lado a lado* e *ombro a ombro* em

(9) ...a mulher disputa lado a lado com o homem em todas as profissões ou atividades...

e

(10) No lar, participa ombro a ombro com o homem nas decisões...

Contraditoriamente à chamada inicial e em destaque na propaganda, o anúncio conduz a uma conclusão que rompe com os sentidos tradicionais, negando-os e estabelecendo uma nova visão, confirmada pelos elementos linguísticos e discursivos, de igualdade e de consciência da verdadeira evolução promovida nos últimos trinta anos, que diz respeito à atividade profissional das mulheres.

O texto destaca o papel das mulheres na sociedade contemporânea, propagando uma visão heterogênea e referente a uma FD contrária ao consenso. O sujeito de tal FD distingue a data comemorada como um símbolo da conquista feminina por igualdade de direitos em todos os setores sociais.

### Uma visão plural sobre o mundo

Tentando fazer uma leitura plural e crítica de nossa história e cultura, que legitime também as mulheres como produtoras de práticas culturais, é mister atentar, cada vez mais, para a questão do gênero.

A partir dos movimentos feministas, pesquisadoras francesas, inglesas e americanas começaram a repensar a situação da mulher, enquanto objeto de estudo, defendendo sua participação como sujeito e agente dos momentos históricos e também dos cotidianos. Esta mesma crítica feminista mostrava que as mulheres não tinham atingido a zona nobre da história – as áreas da política e da

economia – e permaneciam fechadas em espaços de limites precisos.

A verdade é que a História foi sempre contada por um viés flexionado nos paradigmas de classe, raça e sexo. Por este motivo, até o surgimento da crítica feminista, as mulheres, principalmente aquelas que assumiram uma vida intelectual, tiveram de encarar o mundo com uma dupla consciência: como mulheres e com uma visão forte e determinada, nos moldes masculinos, pois a feminilidade existia, apenas, como uma representação do desejo masculino.

Os textos analisados demonstram com fidelidade esta situação. Da mesma maneira, mostram todas as contradições que afloram, gerando inquietações e provocando mudanças, lentas, porém irreversíveis.

A resistência e a realização de transformações, no entanto, somente serão possíveis se pudermos desenvolver uma consciência crítica da dominação, avaliando a importância da palavra nesta dominação.

Pêcheux (1990) afirmou que existem pontos de resistência e revolta, incubados sob a dominação ideológica, e que estes afloram a partir do questionamento de uma ordem, da transgressão do sentido de discursos dominantes. Esta forma de resistir é possível, no momento em que, subvertendo a língua, rompermos com o círculo da repetição e instaurarmos a diferença, a heterogeneidade.

Nesse rumo segue a análise feminista da linguagem, feita por Hall (1987) ao argumentar que, se usamos a mesma linguagem, mas com diferentes interesses, estes devem ser considerados como interesses políticos e de poder, os quais se confrontam no signo. E se é verdade que o grupo detentor do poder, em qualquer época, domina também a produção de sentidos, não quer dizer que os grupos de oposição tenham sido reduzidos ao silêncio total, pois a luta pelo poder confronta-se na palavra.

Esta postura de resistência perante a realidade, não só da linguagem como, igualmente, ao nível das relações sociais, parecem mostrar o verdadeiro significado de uma atitude crítica. Ou somos coniventes, aceitando e repetindo o convencional, ou assumimos um compromisso de recusa e inconformismo ao que é tradicional. É, na verdade, um comprometimento ideológico.

É necessário que nos tornemos absolutamente conscientes do que tem sido a experiência feminina e de como ela tem sido relatada, dentro de uma política do gênero, pois, questões de diferença tornam-se questões de poder.

É importante reconhecer, sim, que as mulheres são diferentes dos homens como, também, são diferentes entre si, e que, precisamente, estas diferenças constroem nossa identidade. Da mesma maneira, é preciso reconhecer que, por intermédio destas diferenças, o poder foi distribuído desigualmente ao longo da história e de cada cultura.

O silêncio das mulheres sempre auxiliou a construção e manutenção de cânones. Entretanto, cada vez mais insistentemente, a crítica feminista, principalmente dentro da universidade, tem investido em uma nova formação discursiva que ousa desafiar e subverter velhos valores, alterando a natureza do discurso que sempre relegou a mulher à margem da sociedade. Conforme Heilbrun (1990), se alguém deseja, seriamente, engajar a questão do gênero como base de nossa cultura, precisa colocar a questão das diferenças no centro do discurso, a fim de fazer da condição de opressão não um mero fato no estudo da dominação, mas também um exemplo de resistência no legado da civilização ocidental.

O silêncio cultural, historicamente imposto às mulheres, criou um movimento de resistência, que tenta romper com esse direito exclusivo do homem de ser o senhor do discurso, o dono da voz. Tal movimento acredita poder construir um novo discurso que subverta o instituído e que, parodiando Barthes (ibid.), rompa com todos os estereótipos, todo o lugar comum, todas as expressões do bom senso; combata as escleroses da língua e resista a seus acomodamentos. Um acontecimento discursivo, constituído fora do legitimado, que se torne lugar do heterogêneo. E assim, como consequência, transforme o mundo!

#### Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BARNES, L. L. Gender bias in teachers' written comments. In: GABRIEL, S. L., SMITHSON, I. *Gender in the classroom: power and pedagogy*. Illinois: Illini Books Edition, 1990.
- BARTHES, R. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BUTLER, J. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.
- COURTINE, J.-J. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. *Langages* 62, juin 1981. Paris: Larousse.
- COUTINHO, M. L. R. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- ECO, H. *A estrutura ausente*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- FAIRCLOUGH, N. *Language and power*. Essex: Longmann, 1989.

- FLAX, J. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. In: HOLLANDA, H. B. *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- FOUCAULT, M. *L'ordre du discours*. Paris: Gallimard, 1971.
- . *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- . *A arqueologia do saber*. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- GRAMSCI, A. *Concepção dialética da história*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.
- HEILBRUN, C. G. The politics of mind: women, tradition and the university. In: GABRIEL, S. L., SMITHSON, I. *Gender in the classroom: power and pedagogy*. Illinois: Illini Books Edition, 1990.
- LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H. B. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- ORLANDI, E. P. Silêncio e implícito: produzindo a monofonia. In: GUIMARÃES, E. *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 1989.
- . *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
- . *Dispositivos da interpretação*. Palestra proferida na UFRGS, abril de 1995. Anotações.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.
- . Delimitações, inversões, deslocamentos. *Caderno de estudos lingüísticos*, 19. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- PÊCHEUX, M., FUCHS, C. Mises au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours. *Langages* 37. Paris: Larousse, 1975.
- PEREIRA, A. E. *Na inconsistência do humor, o contraditório da vida*. O discurso proverbial e o discurso das alterações. Tese de doutorado. PUCRS, agosto de 1994.
- SISSA, G. Filosofias do gênero: Platão, Aristóteles e a diferença dos sexos. In: DUBY, G., PERROT, M. *História das mulheres*. Porto: Edições Afrontamento e São Paulo: Ebradil, s.d. v. 1.
- VEYNE, P. O império romano. In: ARIËS, P., DUBY, G. *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. v. 1.
- VOGT, C., DUCROT, O. De magis a mas: uma hipótese semântica. In: VOGT, C. *Linguagem, pragmática e ideologia*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1989.